

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SIMARON MANCINI

**AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DIDÁTICAS PARA
OS TUTORES, EM SALA DE EAD**

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SIMARON MANCINI

**AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DIDÁTICAS PARA
OS TUTORES, EM SALA DE EAD**

Monografia, exigência parcial de avaliação, apresentada ao Curso de Especialização, Lato Sensu, **Formação Docente: Ensino Superior**, da Faculdade de Educação, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Di Grado Hessel

SÃO PAULO

2018

BANCA EXAMINADORA:

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram a compreender o ensino como uma paixão pelo semelhante.

Dedico também aos familiares que sempre suportaram minha ausência sem esmorecer a crença que o sonho do ensino tinha nascido dentro de mim de modo peremptório e precisava crescer e distribuir toda paixão que significa ser professor.

RESUMO

Este trabalho de monografia tem como objetivo conhecer as competências e habilidades didáticas para os tutores em sala de aulas de cursos EaD, ministrados no Brasil, inicialmente com uma descrição do histórico desenvolvido desde os primórdios até os dias de hoje, considerando a legislação vigente e suas alterações ao longo dos anos para o ensino superior. Apresentar a regulamentação relacionada ao EaD e o tripé regulador da legislação sobre os cursos de EaD no Brasil. Caracterizar processos de ensino e aprendizagem, no Ensino Superior, que favoreçam a EaD apresentando discussões realizadas sobre a formação e atuação do tutor, a importância da ação tutorial na sala de aula e as competências e habilidades necessárias ao tutor. Ainda discussão do papel da tutoria em ambientes EaD, por conta do surgimento de novas tecnologias, que continuamente provocam mudanças profundas no papel tradicional do professor. E por fim ponderar as competências e habilidades dos tutores em Educação à Distância – EaD que favorecem o processo de ensino e aprendizagem no Ensino Superior mediante o que foi apresentado em discussões, por profissionais envolvidos com áreas educacionais relacionadas com o desenvolvimento do ensino de EaD no país.

Palavras-chaves: EaD, Ensino, Aprendizagem, Tutor Virtual, Tecnologia.

SUMÁRIO

Introdução.....	03
Capítulo 1	
1.1 Histórico.....	05
1.2 EaD hoje.....	06
1.3 Legislação.....	10
1.4 Universidades no EaD e plataformas utilizadas.....	11
Capítulo 2	
2.1 Processos de ensino e aprendizagem em EaD.....	14
2.2 Procedimentos e estratégias utilizadas nos dias de hoje em EaD.....	16
2.3 Materiais didáticos de cursos, semipresenciais e <i>on line</i>	21
Capítulo 3	
3.1 Tutoria <i>on line</i> em EaD.....	25
3.2 O tutor e a Educomunicação.....	29
3.3 As competências e habilidades dos tutores em EaD.....	32
Capítulo 4	
4.1 Considerações finais.....	35
Referências.....	37

Introdução

A partir da observação das dificuldades encontradas pelos estudantes de cursos semipresenciais, em que o tutor, o professor na interface do EaD, não tem conhecimento das habilidades e competências necessárias para apresentar o conteúdo de forma didática, limitando-se a reproduzir o que teria aprendido em suas próprias aulas de graduação, interessou-me estudar mais detidamente estes problemas encontrados no dia a dia do tutor na sala de aula EaD.

Algumas universidades públicas, notadamente do Ceará, Alagoas, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, propuseram trabalhos sobre o ambiente EaD, as implicações cognitivas relacionadas com a participação, ou não, dos tutores em sala de aulas EaD. Pesquisadores como: Massi, da UNESP e Santos, da USP, (2014) desenvolveram estudo sobre a formação e atuação do tutor, notadamente na orientação do trabalho de conclusão do curso, em que adotaram a Teoria dos Sistemas de Atividades (STA) para analisar os resultados. Também, em um trabalho conjunto, os pesquisadores Oliveira, Dias e Ferreira (2007) da UERJ realizaram uma pesquisa sobre a importância da ação tutorial no EaD, discutindo as competências necessárias ao tutor a partir das teorias de Donald Schon (1996), Maurice Tardiff (2002) e Antônio Nóvoa (1992). Já as pesquisadoras Machado e Machado, da Universidade Federal do Ceará (2004) estudaram o papel da tutoria em ambientes EaD, abordando aspectos intrínsecos do papel tradicional do professor diante da TDIC, e os consequentes obstáculos enfrentados neste meio digital. De modo muito interessante, o pesquisador Ferro, na Universidade Federal de Alagoas, (2010) trabalhou com a problemática dos materiais didáticos sugerindo e estudando um modelo de recomendação, semelhante aos utilizados no comércio eletrônico da rede, com análise customizada dos seus utilizadores em EaD.

Então, este fenômeno, sintonizando as preocupações das instituições de ensino com as necessidades da atualidade quase totalmente conectada no ambiente virtual, implica no interesse de um estudo que pondere as competências e habilidades que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem em curso EaD, no ensino superior. Para buscar identificar maior eficiência do processo de aprendizagem, este trabalho se propõe a conhecer a

realidade do EaD no Ensino Superior no Brasil, além de caracterizar os processos de ensino e aprendizagem e depois ponderar as competências e habilidades dos tutores no Ensino Superior, que favoreçam a EaD.

Assim, foi proposta uma pesquisa, de traço exploratório, objetivando uma maior familiaridade com estes problemas de forma a deixá-lo mais explícito. (GIL, 2010). O delineamento da pesquisa é bibliográfico ou documental; em que serão consultados marcos regulatórios do EaD no Brasil, obras de referência, teses e dissertações, publicações e anais de encontros científicos.

Após a compilação de material mais alinhados com os objetivos propostos nesta pesquisa, também serão executadas classificações e discriminações metodológicas e documentais. Este trabalho será dirigido para a compreensão dos dados, escrutínio de informações e avaliação de informações, para prover o trabalho de uma proposta lógica interligada com a necessidade de apresentar uma discussão sobre as competências e habilidades que favorecem o ensino e aprendizado em ambiente EaD.

Por fim, utilizando as informações adquiridas na pesquisa, será apontadas algumas observações, indicando providências que poderiam ser admitidas, modelos que seriam mais proveitosos e qualitativamente mais eficazes para o processo de ensino e aprendizagem, bem como as tecnologias utilizadas hoje e suas aplicações e implicações no dia a dia do tutor na sala de aula EaD.

Capítulo 1

1.1. Histórico

De início seria prudente falar da diferença entre o ensino a distância e a educação *on-line*, considerando a longa história vivenciada pelo homem moderno com a educação fora de uma sala de aula propriamente dita. O que conhecemos hoje como EaD é o ápice de um desenvolvimento tecnológico que, literalmente, arrastou a Educação para a Informática, produzindo um resultado que os estudiosos hoje chamam de cibereducação, educomunicação, dentre muitos outros nomes.

Convém lembrar que países continentais, como a extinta União Soviética, promoveram amplos programas de educação à distância, muito antes do advento da era computacional e sua capacidade de disseminação da informação. Grande parte dos engenheiros soviéticos foram formados à distância, numa época em que se contava apenas com os carteiros. No Brasil, antes do advento da televisão, muitos cursos profissionalizantes foram instituídos por correspondência, e depois da massificação dos programas de televisão observou-se a ampliação deste tipo de educação à distância com cursos transmitidos pelas redes de televisão, privadas e estatais, que inclusive eram reconhecidos pelos órgãos governamentais responsáveis pelo controle e integração da Educação no Brasil. O próprio governo brasileiro implantou planos de educação à distância, ou que tinham perfis auto-ditáticos, que culminavam com teste massivos, realizados em todos o país, muito conhecidos como “Madureza”.

Estes ícones de EaD no passado seriam os programas embrionários que desembocaram nos modernos cursos, altamente informatizados, que conhecemos hoje, e são exaustivamente estudados por pesquisadores em todo o mundo. Com a chegada da era da informática o EaD se transformou em uma verdadeira plataforma de Educação, tanto formal quanto informal, e também corporativa, sendo intensamente utilizado em todos os aspectos possíveis de programas educativos. Desta forma a educação *on-line* tornou-se uma demanda da nova sociedade da informação, como ficou conhecida a partir da década de

80. E este fenômeno desta cibercultura produz uma conexão com o que se denomina hoje interatores, de uma comunidade aberta, numa crescente adesão de escolas, universidades, empresas e todos os demais participantes da sociedade moderna de informação.

Com um mundo globalizado, tendo a economia intimamente ligada à informação, estes processos e programas educacionais informatizados recebem adesão em larga escala, dos que precisam ampliar seu nível educacional e dos que oferecem oportunidades de participação através de cursos e programas, formais e informais, nos diferentes meios de comunicação e informação. O Brasil de hoje avança a passos largos na informatização dos processos educacionais, sem, contudo, enfrentar a questão crucial da exclusão, também muito presente no meio digital, que condena a grande maioria a ficar de fora do desenvolvimento propiciado pelas novas tecnologias de educacionais. Emulando os mesmos problemas de concentração de renda econômica, de modo a promover uma assimétrica distribuição da “riqueza” que pode ser usufruída com o EaD, ainda mais em um país continental como este.

No Brasil a primeira geração do EaD, caracterizada pelos cursos por correspondência, o aluno recebia o material solicitado em casa, com conteúdo e exercícios a respeito do tema que seria estudado. Como exemplo desse momento, o Instituto Universal Brasileiro preparava os alunos para o mercado de trabalho com materiais impressos enviados pelo correio. A partir dos anos 1970, quando o foco principal ainda eram os materiais impressos surgiram também fitas de vídeo, programas da televisão, e o Telecurso é um programa que exemplifica essa geração. Contudo, nessa mesma época, na Europa e nos Estados Unidos já iniciou o surgimento das primeiras Universidades Abertas. Agora mais recente, com o advento da TDIC, os alunos passaram a utilizar os mais diversos recursos de comunicação por meio de computadores conectados à Internet, e o número de adeptos cresceu muito.

1.2. O EaD hoje

Nos dias atuais, aqui no Brasil, muitas instituições, privadas e públicas, empresariais e do terceiro setor, estão aderindo mais profundamente aos

processos de EaD, utilizando as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

A grande mudança apresentada pela TDIC foi a transformação da unidirecionalidade da Educação dentro da sala de aula, ou ainda nos processos que utilizavam correspondência ou televisão, pela interação constante e intensa entre educandos e educadores, modificando a matriz educacional de modo profundo. O EaD cresce de forma acelerada no país, impulsionado por programas do governo para facilitar o acesso de alunos ao ensino superior, sendo a distância (EAD) é a modalidade de ensino que mais cresce no Brasil.

Todo ano, novos cursos superiores são reconhecidos pelo MEC, e as matrículas de bacharelado, licenciatura e cursos superiores tecnológicos já somam mais de um milhão, de acordo com Censo da Educação Superior divulgado em 2013 (Censo da educação superior 2013: resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015).

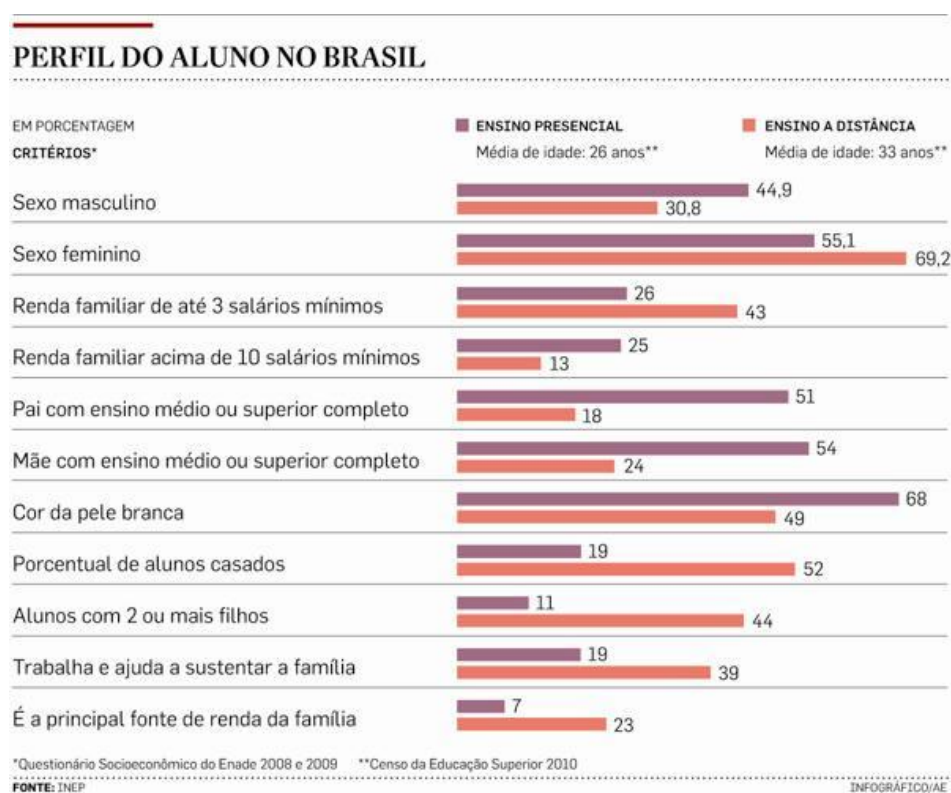


Figura 1

Fonte: <http://www.teleios.com.br/tecnologia-democratica-ensino-a-distancia-ja-tem-15-do-total-de-universitarios-no-pais/>

Cerca de 17% de todos os 8,2 milhões de estudantes matriculados em cursos superiores no Brasil estão fazendo uma graduação a distância, mas essa modalidade vem se expandindo no Brasil e em 2003, o Brasil tinha 52 cursos a distância em atividade, a maioria em licenciatura e, em 92% dos casos, os matriculados estudavam em universidades públicas (federais ou estaduais). Hoje o cenário é completamente diferente e o número de matrículas em cursos a distância aumentou de forma impressionante.

De quase 50 mil alunos inscritos nessa modalidade em 2003, chegou a mais de 1,3 milhão atualmente, e nesses números temos hoje 40,3% matriculados em licenciaturas, 31% matriculados em cursos de bacharelado e 28,7% matriculados em cursos superiores de tecnologia.

De 52 cursos oferecidos, o país evoluiu para 1.365 cursos oferecidos em faculdades públicas e particulares de todo o país e a previsão é que esse número continue a se multiplicar nos próximos anos.

Perfil da EaD no Brasil

Total de alunos
930.179*

Estudantes de cursos superiores a distância de Administração, Matemática, Pedagogia e Serviço Social tiraram, em média, **6,7 pontos** a mais que seus colegas de graduações presenciais no Enade de 2005, 2006 e 2007

* **Censo da Educação Superior de 2010/Inep**

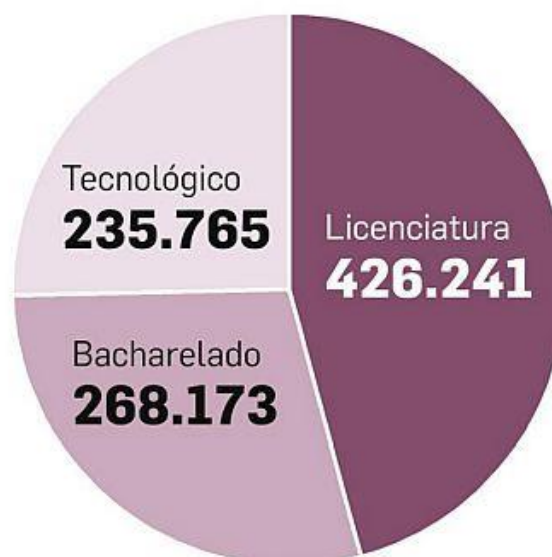


Figura 2

Fonte: <http://www.teleios.com.br/tecnologia-democratica-ensino-a-distancia-ja-tem-15-do-total-de-universitarios-no-pais/>

Do total de cursos superiores a distância, disponíveis hoje, 595 são de licenciatura, 480 são de formação tecnológica e 290 de bacharelado.

Antes domínio das universidades públicas, hoje as universidades privadas inverteram a tendência detendo a maioria dos cursos nessa modalidade.

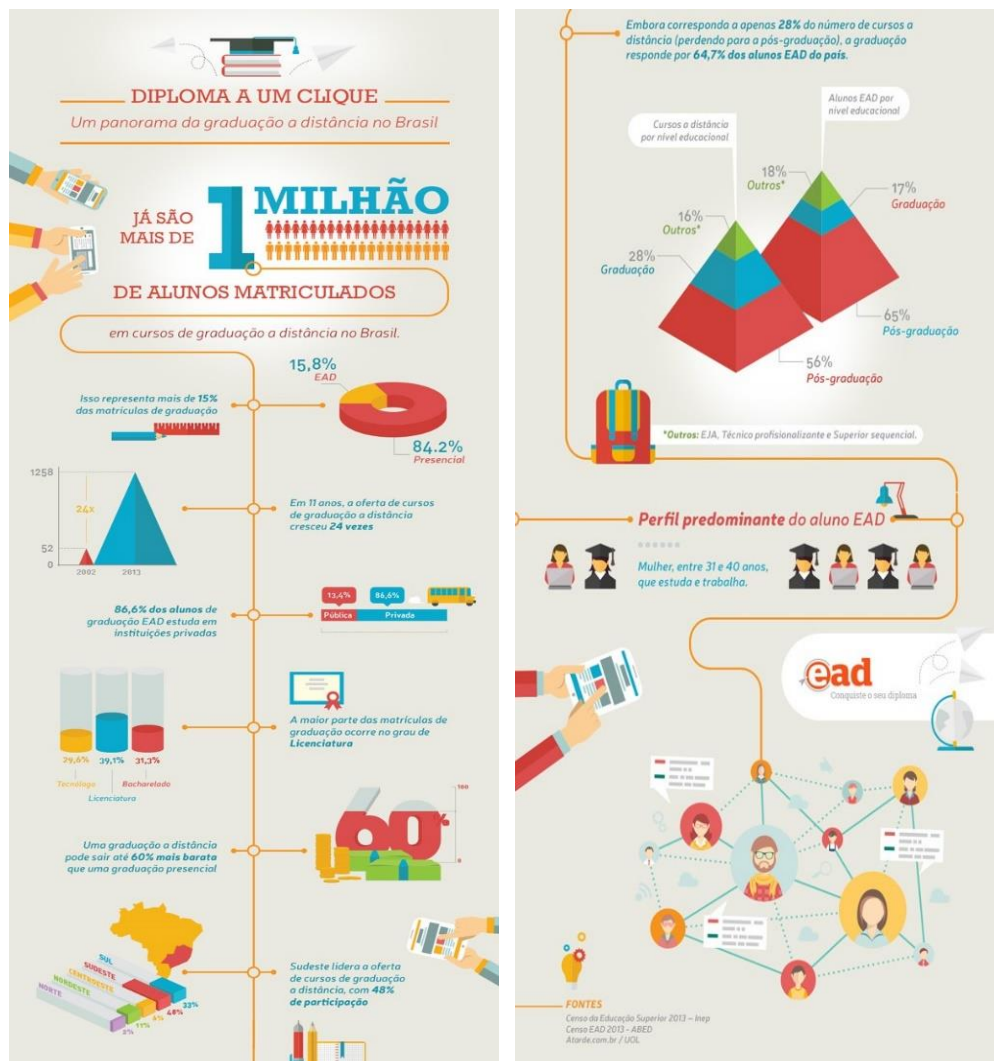


Figura 3

Fonte: <https://www.ead.com.br/ead/expansao-ead-brasil.html>

Já em 2015, enquanto o ensino presencial teve um crescimento de 2,3% nas matrículas em 2015 em relação a 2014, o EaD expandiu 3,9%. Em 2016, o Ministério da Educação (MEC) detectou que o número de matrículas em cursos de graduação à distância aproxima-se de 1,5 milhão, o que corresponde a 18,6% dos 8,04 milhões de universitários no país. Somam-se a esse contingente cerca de 2,9 milhões de alunos de cursos livres corporativos e não corporativos, contabilizados pela Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), de

modo que uma década atrás, o EaD era 4,2% e os cursos presenciais 95,8% das matrículas, somente entre 2015 e 2016, ocorreu um aumento de 7,2% das matrículas, enquanto a educação presencial apresentou queda de 1,2%, por isso o MEC projeta que em cinco anos a educação à distância deverá responder por metade das matrículas na educação superior brasileira (nota).

1.3.- Legislação

Apesar de ser utilizada em larga escala por instituições públicas e privadas no decorrer das décadas de 50, 60 e 80, somente a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 trazia algumas determinações sobre ensino e educação a distância no Brasil. Depois, em 10 de fevereiro de 1998, com o Decreto n.º 2.494, substituído em 19 de dezembro de 2005, pelo Decreto n.º 5.622, regulamentou o Art. 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e em 07 de abril de 1998, com a Portaria n.º 301/98, estabeleceram os procedimentos para credenciamento de instituições e autorização de cursos, sendo considerados os passos fundamentais para o início do EaD como conhecemos hoje no país. Então, a partir da Lei 9.394/96, o EaD passou a ser considerada alternativa regular, devidamente regulamentada, de prestação educacional aos brasileiros, deixando de ser experimental, sendo considerada estratégia de acesso à educação de qualidade, direito do cidadão e dever do Estado.

Contudo, antes da atual LDB, a Lei n.º 5.692, de 1971, referente ao ensino supletivo, permitia no Art. 2º, §2º da Lei, permitia cursos ministrados através de rádio, televisão, correspondências, entre outros meios de comunicação, de modo alcançar um número maior de estudantes, recebia pareceres dos Conselhos Federal e Estaduais de Educação, sempre caracterizados como experimentais e a título precário. Ainda em 27 de abril de 1998, o Decreto 2.561, modificou o Art. 11, restringindo ao MEC o credenciamento e autorização de cursos EaD de Educação Profissional, em nível tecnológico, e de ensino superior para os demais sistemas.

Neste mesmo Decreto foi modificado o Art. 12, delegando competências as autoridades integrantes dos sistemas de ensino para oferta de EaD Ensino Profissionalizante de nível técnico.

O Decreto nº 9.057/2017 revogou o Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005 e o Art. 1º do Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, que regulamentou o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelecia as diretrizes e bases da educação nacional, cuja alteração mais significativa foi incluir a educação básica no EaD.

1.4.- Universidades no EaD e plataformas utilizadas

O EaD no país cresce mais que o ensino presencial, com uma forte tendência de fortalecimento dos modelos *on line*, especialmente em instituições privadas, com alta concentração, conforme o Censo MEC de 2011-2012 as instituições públicas têm hoje apenas 1/6 dos alunos e nenhuma delas com alcance nacional como as instituições privadas. Isto porque as instituições públicas privilegiam atendimento regional, com isso acabam ficando na berlinda, buscando como se posicionar num cenário tão competitivo e complexo.

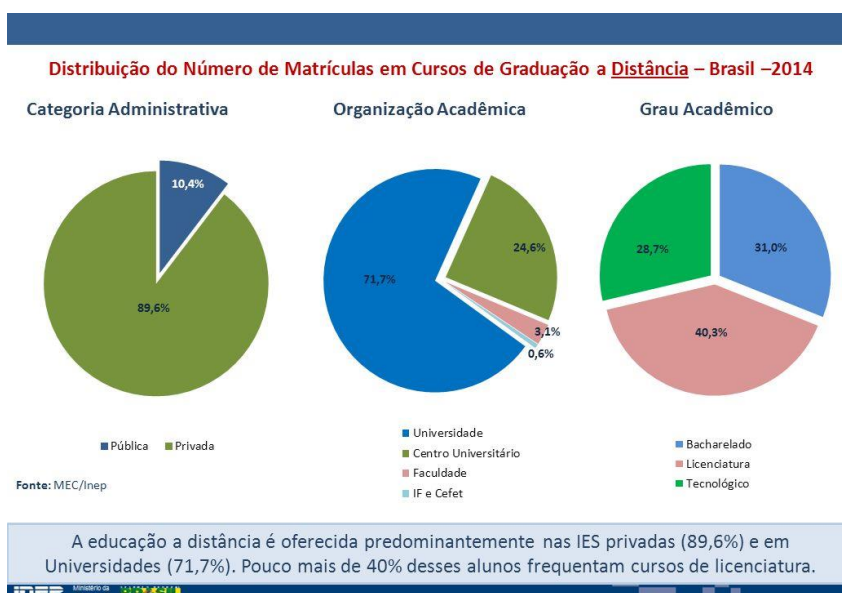


Figura 4

Fonte: INEP – Censo da Educação Superior 2014, novembro/2015, Brasília-DF

Com modelos padronizados, alta escalabilidade, fortes investimentos em marketing, salários relativamente baixos, custos diluídos e uma integração cada vez maior com os cursos presenciais os grandes grupos têm capital para um agressivo posicionamento no mercado, porém a maior parte das instituições privadas ainda não entrou na EAD, com dúvidas sobre os impactos no caixa da instituição, contudo muito tentadas pelo crescimento expressivo da área e a diminuição de crescimento no presencial.

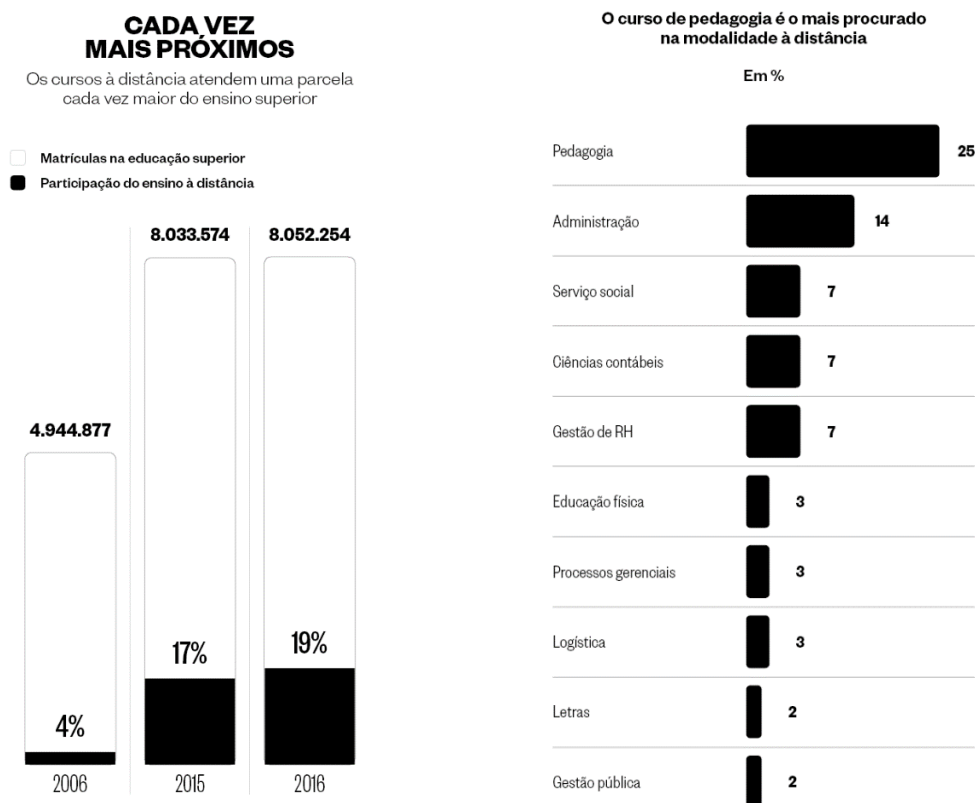


Figura 5

Fonte: <https://epoca.globo.com/educacao/noticia/2017/11/os-frutos-do-ensino-distancia.html>

Este modelo de Educação, hoje no Brasil, torna extremamente frágil a relação de trabalho, a qualidade das atividades pedagógicas. O risco da alta rotatividade é constante, principalmente entre os tutores, que não são, necessariamente, profissionais vinculados às instituições de ensino, contratando profissionais com pouca experiência, mal remunerados, principalmente os tutores, sobrecarregados de atividades e de alunos. Também se identifica que as práticas laboratoriais e de campo são quase inexistentes, e ainda muitos

professores e alunos encontram dificuldades de adaptar-se à EaD, pois os docentes e tutores não se sentem confortáveis nos ambientes virtuais e não tem a disciplina necessária para gerenciar fóruns, prazos, atividades. Da mesma forma, parte dos alunos, pouco afeitos ao processo que exige autonomia e com deficiências na formação básica, se perdem no processo por falta de disciplina e gestão do tempo, bem como na capacidade de entender e acompanhar cada etapa prevista. A adaptação aos ambientes virtuais cheios de materiais, atividades e informações, é sofrível, também sentindo falta de contato físico, dos colegas de turma, principalmente quando o curso é todo virtual.

Por outro lado, as instituições superiores, são diferentes, os currículos não estão integrados, os investimentos maiores são feitos no presencial, sem adequada visão estratégica dos gestores, com muita dificuldade de planejar mudanças muito profundas, considerando que isso envolve repensar a educação de uma forma integrada, mais flexível, menos burocrática.

Entretanto, as instituições já utilizam uma forma mista como modelo predominante de educação, unindo presencial e o EaD. Assim os cursos presenciais se tornam semipresenciais, especialmente na fase universitária. Assim os cursos a distância partem de um modelo mais semipresencial e se fortalecem no online, num caminho de convergência em todos os campos e áreas, com integração de plataformas digitais e produção digital de conteúdo integrada, utilizando os materiais para as mesmas disciplinas do mesmo currículo.

Capítulo 2

2.1. Processos de ensino e aprendizagem em EaD

Para a utilização de computador na Educação, contemplando os processos de ensino e aprendizagem como conhecidos e estudados, são necessários, além da máquina, o computador, o estudante, o programa educativo e o professor, ou ainda um tutor. Este modelo implica na possibilidade do aluno adquirir conceitos sobre o assunto proposto no curso EaD e quando o ambiente *on line* propicia ao estudante o processo de ensino instituído pelos conteúdos programáticos abordados no planejamento educacional, emula-se os processos básicos de Educação.

Especialista	Atividades
Conteudista	Criar e selecionar conteúdos ligados com o programa de ensino na forma de textos
Web Roteirista	Articular o conteúdo por meio de roteiro com uso de linguagens e formatos variados
Web Designer	Criar a estética e arte-final do conteúdo utilizando linguagem digital
Programador	Desenvolver o AVA, criando programas e interfaces de comunicação no que tange programação digital
Instructional Designer	Análise de necessidades, construção do desenho do AVA, seleção de tecnologias, avaliação dos processos, mediação dos trabalhos da equipe de profissionais

Tabela 01

Fonte: Educação *on line*, Santos A., pág. 220/221

Tudo começa no desenvolvimento do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), em que os cursistas terão acesso durante os estudos. A divisão do trabalho e a sistematização do processo de ensino e aprendizagem permitirão planejar o currículo tendo ênfase nos objetivos definidos para o curso *on line*.

Desta forma o EaD é um processo que tem autoria de todos os sujeitos envolvidos, contudo, na maioria das instituições a autoria está restrita a quem elaborou o curso e não aos envolvidos estrategicamente em todo o processo.

Com outro olhar, pode-se perceber o ciberespaço com o AVA totalmente gratuito, que apresenta uma natureza aberta e flexível, com saberes criados por indivíduos e instituições, diversos e dispersos geograficamente, cujos autores socializam seus saberes em formatos distintos como softwares, interfaces, hipertextos, entre outras diversas mídias abertas.

Porém, como já percebido pelos estudiosos, a Educação *on line* “não rompe totalmente com a lógica unidirecional da mídia de massa e dos sistemas tradicionais de ensino” (Santos, p. 218). De maneira geral, não é suficiente alterar forma e conteúdo de materiais e estratégias para atingir níveis de qualidade maiores com o EaD, pois na verdade é necessária uma rede de competências na articulação dos saberes nas equipes que trabalham com EaD em todos os níveis de ensino.

Na utilização do computador para educação pode-se implementar uma abordagem informatizada dos métodos de ensino tradicionais, aplicando-o como máquina de ensinar, numa função instrucionista, em que o estudante recebe informação e é submetido ao processo de avaliação direta, livrando o professor da tarefa de correção de provas e exercícios.

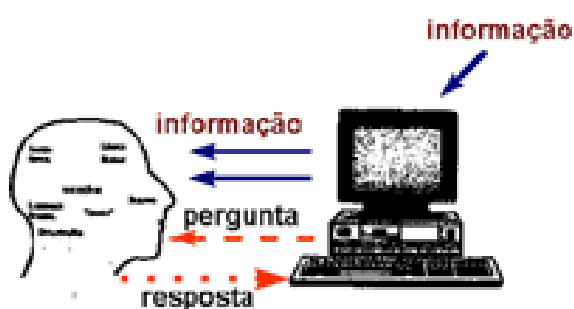


Figura 06

Fonte: <http://www.futurarte.com.br/artigos/valente2>

De outra forma, existe uma abordagem construcionista, “pela qual o aprendiz constrói seu objeto de interesse, como uma obra de arte, um relato de experiência ou um programa de computador” (Valente, 1996). Para este contexto o computador tem a finalidade de facilitar o acesso ao conhecimento, por meio

animação, som, controle de performance do aprendiz, facilitando o processo de administração das lições e possíveis programas de mediação. Neste tipo de procedimento o tutor não necessita de alto grau de treinamento e o estudante sabe como proceder, e o programa tem paciência quase infinita, tabulada pelos critérios de performance do aluno. A tendência é utilização de inteligência artificial nos programas tutoriais, para análise de padrões de erros, avaliação de estilo, capacidade de aprendizagem e oferecer instrução diferenciada para o estudante que apresenta dificuldade no desenvolvimento do curso.

Exercício-e-Prática

Tipicamente, estes programas são usados para revisar conteúdo já visto, em especial o que envolve memorização e repetição, como por exemplo aritmética e vocabulário. Apresenta uma vantagem de oferecer uma infinidade de opções de exercícios, com distintos graus de dificuldade, coletando respostas para verificação da performance do estudante, avaliando o grau de aprendizado neste contexto. Este tipo de recurso alivia o professor de entediante tarefa de correções contínuas, oferecendo tempo precioso para desenvolver atividades mais nobres de ensino e aprendizagem, propiciando uma janela de oportunidade na inovação dos processos em sala de aula, eliminando a parte mecânica da avaliação.

Jogos Educacionais

A pedagogia neste tipo de abordagem é uma exploração autodirigida, em contraposição à instrução direta e explícita. São caracterizados por softwares de jogos e simulações, constituindo -se ambientes em que o usuário é livre para descobrir relações auxiliando o estudante a compreender os conceitos durante o processo de ensino e aprendizado. Eventualmente a competição provocada pelos jogos podem desviar atenção do foco principal de ensino e aprendizado, algo que pode ser contornado com reflexão após os erros em cada jogada.

Simulação

Envolve a criação de modelos dinâmicos e simplificados que permitem a exploração de situações e experimentação, que de outra maneira poderiam ser

caros ou perigosos, ou ainda levar tempo demais para concretização. Esta modalidade leva estudante a desenvolver hipóteses, testar e analisar resultados, refinando os conceitos propostos no curso. Este tipo de procedimento requer elevado grau de desenvolvimento computacional das instituições, recursos tecnológicos e pode se transformar em uma barreira para o pleno desenvolvimento do processo. Deve-se criar condições para o aluno discernir claramente o real do simulado, considerando a transição não ocorre automaticamente.

Aplicativos

Talvez as ferramentas de maior fonte de mudança no ensino e no processamento de informação dentro da escola, por se constituírem em úteis ferramentas tanto para o professor quanto para o estudante. Os programas de texto, planilhas, banco de dados, construção de gráficos, calculadores, entre muitos outros, “são claramente uma tentativa de computadorizar o ensino tradicional” (Valente J.A., 2009). De fácil utilização com amplo espectro de aplicação, este tipo de procedimento tem a estratégia de aproximar o estudante do conteúdo, utilizando métodos e técnicas informatizadas deste tempo de intensificação da computação pelos mais jovens.

Resolução de Problemas

O computador propicia um ambiente baseado na resolução e problemas, ou ainda na elaboração de projetos, muito explorada através dos meios tradicionais de ensino, adicionando uma dimensão nova, possibilitando uma série de vantagens dentre a mais interessante a precisão sem ambiguidade da linguagem de computação. Desta forma o estudante, usando a representação do programa de computador, tem uma descrição formal e precisa, podendo efetuar a verificação da execução das tarefas planejadas.

De maneira geral, seria possível utilizar qualquer linguagem computacional, desde BASIC, passando por Pascal, ou mesmo LOGO. Contudo é bom salientar que o objetivo não é ensinar linguagem computacional e a representação do problema segundo uma linguagem computacional. Com esta

preocupação no horizonte, é que a resolução de problemas foi pensada nos diversos modos de programação, tanto na linguagem quanto na metodologia.

Música

Numa abordagem mais diferenciada, utilizando diferentes domínios do conhecimento, a música, com o uso computacional, pode colaborar com o aprendizado de conceitos adquiridos com o “fazer música”, ao invés do aprendizado tradicional. Neste contexto dois agravantes são detectados pois é necessário primeiro as habilidades para manusear instrumentos musicais e também capacidade para leitura de partituras para execução de uma peça musical. Neste caso eliminando a dificuldade de aquisição de técnicas de manipulação instrumental, e possibilita, durante o processo de composição musical, na aquisição de conceitos estabelecidos no planejamento educacional.

Chat's

Os chat's, conhecidos como comunicadores interpessoais utilizando computação, permite que os participantes do curso se comuniquem em tempo real, de modo assíncrono, na modalidade todos-todos ou ainda um-um, abrindo novos horizontes de interação, permitindo ampliar os processos de ensino e aprendizagem. Estes canais de comunicação introduz a identificação com o que o outro escreve, a despeito de aparência, credos, raça, gênero, sexualidade, entre outras características intrínsecas individuais que podem ser tornar barreiras na disseminação do conhecimento e interação dos participantes.

Esta comunicação sem contato físico ou face a face propicia a sociabilidade permitindo aos participantes novas e diferentes vivências com o compartilhamento dos saberes individuais e coletivos, tudo dentro do mesmo ambiente virtual, do curso EaD.

Fóruns

Esta interface computacional “permite o registro e a comunicação de significados por todo o coletivo através da comunicação” (Santos E., pág. 229). A mensagem circula na comunidade, alimentando uma inteligência coletiva, com a colaboração dos participantes, caracterizando este ciberespaço.

O diálogo entre participantes geograficamente dispersos, favorece a criação coletiva e transformar o meio de informação, em comunicação assíncrona, com a troca de sentidos construídos individualmente por cada singularidade representada em cada sujeito, as diferenças, expressando os saberes pessoais, convergindo e divergindo, vai construindo o conhecimento coletivo, através da comunicação computacional, por meio do mundo virtual.

Listas de discussões

Muito semelhantes aos fóruns, utilizando comunicação assíncrona, apresenta uma diferença no formato de correio eletrônico em que as mensagens vão sendo socializadas entre os participantes, sendo desnecessário um ambiente específico, utilizando por exemplo a caixa de e-mail's.

Cada comunidade desenvolve sua própria dinâmica e ética particular de comunicação, sendo preferida pela maioria dos internautas. Cabe ressaltar que alguns gestores dos cursos EaD estabelecem mecanismos de vigilância e punição, no intuito de preservar elementos de controle próprios da instituição.

Blog's

Tendo em vista o acesso fácil e as interfaces na web mundial, ações individuais e sociais acabam se transformando ao longo do tempo, e postagens diárias tem sido a tônica destes tempos. Muitos tem publicado informações, identidades, ideias, entre tudo mais que se encontra no ciberespaço, por meio desta interface conhecida como blog.

Através do blog, o sujeito pode editar, e atualizar, mensagens em hipertexto, ou ainda disponibilizar material de estudos para que outros usuários possam acessar, compartilhando conhecimento. Em alguns casos, especialmente de cursos *on line*, os usuários podem intervir e dialogar, pluralizando o veículo, compondo assim uma comunidade virtual alinhada com as diretrizes programáticas do curso.

Independente do modelo utilizados, ou a junções de diversos modelos, para inclusão no AVA, do curso *on line*, o que importa é a complexa rede de

relações e com isso uma construção coletiva de autoria social, dos grupos envolvidos no processo de ensino e aprendizado do EaD.

2.3. Materiais didáticos de cursos, semipresenciais e *on line*

A produção de materiais didáticos para cursos *on line*, diferentemente de curso presencial, requer grupos interdisciplinares que ultrapassam funções estritamente acadêmicas, perpassando por web designers, programadores, e afins, colaborando e atuando sistematicamente com as tradicionais funções da escola presencial, em se tratando de uma linguagem diferenciada na comparação direta de funcionalidade e utilização pelo estudante.

No que tange ao processo de elaboração desta materiais, conceitos novos são adicionados ao mundo acadêmico tradicional, para o desenvolvimento das atividades, especialmente à distância, novas tecnologias digitais de comunicação, que farão parte do escopo dos materiais que serão apresentados aos estudantes e coordenados pelo tutor. Esta sim, a nova figura do ensino, que deixa de ser um professor tradicional, repositório e repassador de conhecimento, para atuar diretamente como orientador ou facilitador do processo de ensino e aprendizagem

Exatamente esta figura, tão nova quanto problemática, será objeto de exploração no capítulo 3.

A grande contribuição que a internet trouxe para a educação, especialmente EaD, foi a capacidade de desenvolver atividades interativas, em tempo real, com diversos estudantes socializando seus próprios saberes em interação com o conteúdo programático do curso, transmutando a lógica de transmissão de conhecimento para uma realidade de comunicação interativa, modificando radicalmente o esquema clássico de ensino e aprendizagem.

A partir disso sobressaem três aspectos fundamentais para produção de material didático de EaD, quais sejam, estrutura, navegabilidade e discurso, tendo como direção a formulação do referencial teórico que direciona o curso *on line* definido no conteúdo programático abordado na disciplina.

A estrutura do curso *on line* requer utilização de hipertextos, imagens em movimento, arquivos sonoros e midiáticos, todos que possibilitam a

interatividade, com possível intervenção no material, objetivando a construção coletiva, garantindo assim uma certa estruturação não linear do curso.

“Com relação à estrutura trata-se de procurar conhecer os aspectos macro – diversos modos de organização e encadeamento de blocos de informação – e micro – identificação dos aspectos lúdico, analítico-sintético e indutivo do material didático” (Belisário A., 2012, p. 141)

Do ponto de vista macro, se pode citar a interatividade, com leitura entremeada com exercícios, exemplos, animações, nos quais os estudantes avançam superando as etapas de ensino e aprendizagem. Também se deve observar o âmbito sequencial, em que o estudo interativo seja apresentado de forma direta, sem interrupções, garantindo a coesão do texto e das ideias contidas nele. Por fim avaliar a possibilidade de abrangência seletiva, antecipando eventuais questionamentos ou ainda talvez a utilização de mecanismos de busca mais complexos no hipertexto.

Quando se discute o ponto de vista micro, necessita-se referenciar a relação prática-teórica dos alunos para aproximar a sua realidade concreta e seus saberes do programa a ser ministrado. Durante as aulas, é imprescindível que avaliações sejam propostas para reflexão, de modo que o estudante possa reescrever, com seus próprios recursos, o conteúdo tratado, e ainda garantir orientação adequada para revisão dos estudos. Também se faz presente a necessidade do glossário, visando clareza dos conceitos, facilitando os estudos *on line*.

A utilização da exemplificação propiciará a simplificação da realidade, especialmente para os que não transitam de forma concreta pelos conteúdos objetivados. Também convém utilizar animações, vídeos e áudios no hipertexto, para quebrar monotonia e expandir o movimento interativo, exigindo atitude mais ativo do leitor. Na verdade, muitas outras características, como um resumo, tido com parada forçada para autoavaliação do conhecimento, destacando ideias centrais, fazendo ligações, ou ainda relacionar teoria e prática, promovendo certa inversão das situações iniciais do hipertexto, sempre no intuito de reflexão sobre a temática a ser tratada.

Para garantir que, nos cursos EaD, os textos básicos cumpram o papel de introdutores das temáticas ou orientadores de estudos seria conveniente alguma

dose de humor, ou estratégias diversionistas para incrementar o interesse do estudante no conteúdo proposto. De toda forma, a metodologia EaD diferencia claramente do estudo tradicional com apostilas e livros, na utilização do hipertexto e seus coadjuvantes, para alcançar o objetivo de ensino e aprendizagem.

No âmbito da navegabilidade, os materiais didáticos, considerando que os textos são apresentados utilizando mídia eletrônica, convém a busca de todos os meios disponíveis objetivando aumentar a motivação do estudante durante o decorrer do curso haja vista que ele trabalha sozinho, sem o pulsar acadêmico dos cursos presenciais.

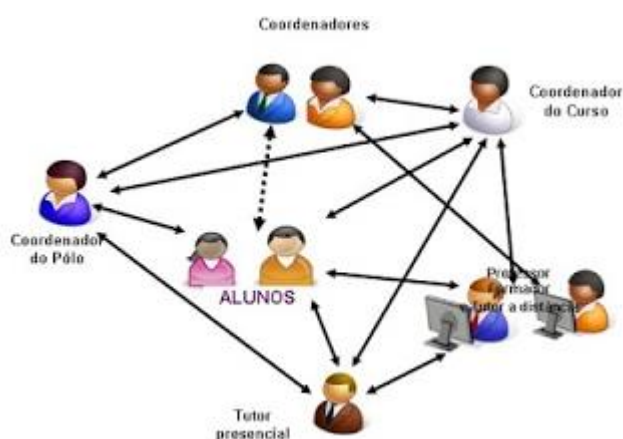


Figura 08

Fonte: <http://tutorianaeducacao.blogspot.com/2015/07/funcionamento-da-ead.html>

Com aplicação de softwares gráficos avançados, podem mitigar os incômodos da leitura na tela de computadores, notebooks, palmtops, entre outros equipamentos que serão utilizados durante o curso. Claro que estes recursos sempre deverão ser limitados pelo ponto de vista didático-pedagógico, para, garantindo o nível de atratividade e motivação, não mascarar a qualidade intrínseca do material, que no limite prejudicará o processo de ensino e aprendizagem.

Também é importante assegurar que os materiais estejam em linha com os equipamentos que serão utilizados pelos estudantes, pois nada adiantará avançados softwares que não “rodam” adequadamente nos equipamentos que os cursistas possuem, e este alerta vale para os cursos *on line* e

semipresenciais. Pois ainda que sejam atraentes e motivadoras as mídias devem estar disponibilizadas de maneira adequada para o nível tecnológico do estudante, de modo a não provocar descompasso entre o que se pretende pedagogicamente e o que se possui no ambiente de estudo do aluno.

E ainda, pensando que o EaD tende a se concentrar na internet, e por consequência na utilização das ferramentas disponíveis nos computadores, bem como os seus softwares, o mais plausível será a utilização conjugada dos recursos de hipertextos, vídeos e animações, produção gráfica, dentre as muitas opções existentes hoje, tanto para garantir a participação do maior número possível de pessoas quanto permitir a correta dialogicidade, constituindo uma material de estudo profícuo e estimulante. Sempre dever]ao tangenciar o processo de educação baseado na interação entre professor e estudantes, além dos próprios entre si mesmos, com o material didático básico de estudo.

Quando se olha para o discurso, saltam duas características imprescindíveis do ponto de vista pedagógico: dialogicidade, aqui entendida como a produção de material que possibilite o diálogo com o leitor – e interatividade, compreendida como o processo de se tornar concreto o diálogo proposto pelo conteúdo, garantindo o desenvolvimento do estudante durante o curso, permitindo colaboração contínua no âmbito do processo de ensino e aprendizagem.

Capítulo 3

3.1. Tutoria *on line* em EaD

Em termos históricos a tutoria remanesce do séc. XV, usado como caráter religioso nos estudantes, objetivando inculcar a fé e a conduta moral. Após isso, já no séc. XX assume o papel de orientação de trabalhos acadêmicos, e é com este sentido que foi incorporado nos atuais programas de EaD. Nesta perspectiva tradicional assumiu-se que o tutor seria mero “acompanhante” funcional para o sistema integrado de informação à distância.

O trabalho de orientação, em sala de aulas com EaD, é particularizado por conta da distância, ao mesmo tempo em que se tem um ambiente com vários e diferentes tipos de estudantes, com diversos atores além do estudante, além do próprio tutor, de modo que questões de como se organizam no ambiente e durante o processo de ensino e aprendizado, os suportes e relações que se pode estabelecer, e suas respectivas contribuições.

Nesta abordagem conta-se com a presença do tutor na frente de ação, respondendo ao público interessado em aprender. Quando os demais atores não se envolvem na interação direta com os alunos, muito frequentemente, o tutor recebe as demandas reprimidas e caso não tenha a compreensão da concepção do curso e não tenha sido devidamente preparado, resulta no atendimento inadequado do processo de ensino e aprendizagem.

Por esta visão, a novidade está em considerar que um bom tutor, necessariamente deverá ser um bom professor, e não apenas um arremedo a distribuir senhas de posicionamento no processo de ensino e aprendizado.

E ainda mais, quando as redes telemáticas aplicáveis ao EaD são utilizadas, na sala de aula, da mesma forma dos cursos presenciais, apenas se transfere para o meio virtual o paradigma do espaço-tempo da aula e da comunicação bidirecional. Desta forma, o estar junto virtual não explora todas as possibilidades da comunicação multidirecional propiciada pelo TDIC. Utilizar estas tecnologias apenas para pôr o estudante diante de informações ou problemas que serão objetos do conhecimento não irá envolvê-lo

suficientemente para produzir resultados significativos durante o processo de ensino e aprendizagem no EaD.

Assim, como na figura 9, o tutor, ator multifuncional neste processo de aquisição do conhecimento, deve transitar no ambiente digital, organizar situações de aprendizado, planejar e propor atividades relacionadas ao escopo do curso, disponibilizar os materiais designados na rede, e ter conhecimento no uso de múltiplas mídias e linguagens, atuando como mediador e orientador do estudante, identificando suas representações de pensamento, incentivando buscas de fontes distintas, para ao fim do processo de pesquisa provocar a reflexão significativa para o aluno.



Figura 9

Fonte: <http://www.vidadeti.com.br/index.php/2014/08/04/tecnologia-da-informacao/>

Sendo o ensino à distância uma modalidade educacional cujo desenvolvimento relaciona autonomia com administração, por parte do estudante, do tempo adequado para o processo de ensino e aprendizagem, caberá ao tutor este estar junto virtual, para acompanhar o estudante no processo de compreensão dos equívocos e depuração da sua própria produção do conhecimento, sem, contudo, indicar plantão integral a disposição do professor.

Como o AVA potencializa novas práticas de aprendizado e avaliação, posto que os dispositivos e interfaces digitais propiciam interação e interatividade resultando na dialogia buscada pelo EAD, este novo cenário, em que os papéis tradicionais do professor, e suas relações com os alunos e a escola, precisam ser repensados e investigados para uma reflexão da tutoria *on line*.

Nesta educação à distância, muitos são as denominações recebidas pelo tutor: assistente, assessor, professor acompanhante, mentor, mediador, facilitador, contudo em todas estas existem a demanda de procedimentos, as estratégias e as competências comuns.

E ainda neste enfoque, a diferença entre o docente e o tutor passa a ser institucional, proem isto leva a consequências pedagógicas importantes, considerando que as intervenções do tutor na EaD, demarcadas em um quadro institucional diferente, acaba se distinguindo em três dimensões cujo espectro se revela no tempo, na oportunidade e no risco.

Ao analisar o tempo, explicita-se a temporalidade do aluno diante das tarefas propostas, e o escasso período de contato presencial, que pressupõe o aumento do compromisso e o risco da tarefa do tutor.

Diferente da situação presencial, em que o professor sabe que haverá outra oportunidade para retorno na consulta do estudante, e assim o tutor deve oferecer a resposta específica quando tem a oportunidade, porque não tem certeza que haverá outro momento para novo questionamento.

Por fim, o risco aparece como consequências de privilegiar o tempo em detrimento às oportunidades, permitindo que o estudante siga com uma visão parcial, que acabará por converter em uma construção equivocada, perdendo a oportunidade de reflexão.

Muitos estudos revelam que o tutor tende, naturalmente por falta de preparação adequada, a reproduzir o comportamento de sala de aula presencial, invalidando as peculiaridades do ambiente EaD. Neste contexto o duelo entre ensinar e o fazer aprender, concentrando-se na criação e na gestão e na regulação das situações de aprendizado. Especialmente quando os estudantes preferem atividades individuais enquanto tutores buscam fixação de conteúdo. Por estas razões o tutor deve sempre, no processo de ensino e aprendizagem,

atuar como mediador e facilitador, incentivando a investigação do conhecimento proposto no curso EaD.

Educação Presencial	Educação à Distância
Conduzida pelo professor	Acompanhada pelo tutor
Predomínio de exposição da informação durante o tempo todo de aula	Atendimento ao aluno, consulta individualizada ou em grupos, tutor mais ouve do que fala
Centrado no professor	Centrado no aluno
Fonte central de informações	Fontes diversificadas de informações
Convivência, em um mesmo espaço, o tempo todo juntos, de professores e alunos	Interatividade entre aluno e tutor, não descartados momentos presenciais
Ritmo do processo ditado pelo professor	Ritmo ditado pelo estudante dentro de seus próprios parâmetros
Contato face a face entre aluno e professor	Múltiplas formas de contato, inclusive presencial face a face
Elaboração, controle e correção de avaliação exclusivamente pelo professor	Avaliação de acordo com parâmetros definidos, em comum acordo, pelo tutor e aluno
Atendimento de rígidos horários de orientação e na sala de aula, pelo professor	Atendimento tutorial, flexível, diferentes meios, assíncrono

Tabela 02

Fonte: Sá, Iranita. Educação à Distância: Processo de inclusão social. Fortaleza, CEC, 1998:47

Por conseguinte, o papel do professor tutor deve ser repensado de modo não replicar os ambientes tradicionais de sala de aula presencial no ambiente EaD. Então a necessidade de investimento na formação do tutor de EaD, para alcançar o potencial de vantagem do processo de ensino e aprendizagem que pode ser oferecido no meio virtual, na busca da geração de conhecimento aos estudantes dos cursos *on line*.

Então, desta forma, o tutor se enquadra em três funções básicas em seu papel dentro do processo de ensino e aprendizagem: função pedagógica, função gerencial, função técnica e função social.

O papel do professor em qualquer ambiente educacional é garantir que o processo educativo ocorra entre os alunos, de modo amigável e socialmente estável. No ambiente *on line*, o tutor torna-se um facilitador da aquisição do conhecimento, conduzindo o grupo de maneira mais livre e autônoma, permitindo a exploração do material do curso sem restrições prévias, salvo no previsto pelo programa definido. Neste aspecto, o tutor se parece com um animador, motivando os estudantes a explorar mais profundamente do que fariam na sala de aula presencial.

Gerencialmente, o tutor é um administrador do processo, tanto no que tange ao tempo, definindo o ritmo e acompanhando o andamento dos processos, quanto as diretrizes do curso pré-estabelecidas, além do código de conduta e comportamento estabelecido para o processo de ensino e aprendizagem requeridos.

Com isso, o curso EaD depende do domínio técnico do tutor, de modo que seja capaz de transmitir o conhecimento das tecnologias utilizadas, de modo a propiciar aos estudantes a facilitação experimental do aprendizado. Entretanto o tutor deve receber suporte técnico adequado da instituição para não prejudicar o andamento das atividades previstas no curso.

A facilitação educacional, uma função social do tutor, confere a responsabilidade de dar espaço pessoal e social aos estudantes na comunidade *on line*, estimulando as relações humanas como afirmação e reconhecimento das contribuições dos estudantes no AVA, promovendo interação e desenvolvendo a compreensão e coesão do grupo.

O tutor, em sua ação final, torna-se o elo de ligação entre a instituição e os estudantes do ambiente virtual, acompanhando este processo, enriquecendo-o com seu conhecimento e experiência, incrementando a boa comunicação, facilitando a construção do conhecimento, estabelecendo relações empáticas, constituindo-se uma forte instância de personalização, estabelecendo as redes de trabalho dentro do grupo, promovendo o ensino e aprendizagem.

3.2. O tutor e a Educomunicação

Em 2002 o governo do estado de São Paulo promoveu uma experiência até então inédita, chamada Ação Educomunicativa (Soares, 2012). Compreendendo um grupo de 2.250 educadores espalhados em 1.024 escolas por todo o estado, um curso de aperfeiçoamento foi ministrado na modalidade EaD, dentro de um programa da USP (Universidade de São Paulo). Esta experiência abriu as portas do EaD para muitos professores do ensino presencial tradicional, mostrando que o processo de ensino e aprendizagem pode ser relevante no ambiente virtual e trazer a construção do conhecimento justamente para aqueles que ensinam.

Neste capítulo, de modo sintético, utilizando o trabalho do professor da ECA/USP, Ismar de Oliveira Soares (Soares, 2012), será mostrado o desenvolvimento do projeto e seus resultados imediatos, tanto na aquisição de conhecimento técnico-pedagógico quanto na mudança de paradigma mental dos educadores que participaram do curso, objetivando abrir uma pequena janela de informação sobre as imensas possibilidades de ensino e aprendizagem no ambiente EaD.



Figura 10

Fonte: <https://www.edools.com/tutor-ead/>

Esta experiência inovadora foi proposta para aplicação de uma linguagem inovadora em sala de aula, utilizando mídias audiovisuais em sala de aulas convencionais, objetivando implementar um conceito, novo até então, de trazer a comunicação para dentro da educação, o que denominaram Educomunicação.

O processo de ensino implementado foi exatamente o que hoje vemos claramente como EaD, algo inusitado naquela época, que contou com a participação de 35 escolas estaduais de São Paulo, em que cada uma contava com um tutor, alunos de pós-graduação da ECA-USP e outras instituições. Utilizaram a modalidade Educom.TV como AV, contando com 35 salas virtuais, onde os professores da rede estaduais dedicavam 8 horas semanais de atividade *on line*. A parte presencial do programa era constituída de seminários

e oficinas de capacitação desenvolvidos ao longo do curso na cidade de Águas de Lindóia (SP), durante os meses de agosto e setembro daquele ano.

Como resultado imediato, pode-se constatar que 89% dos inscritos permaneceram no curso até o fim, contra uma fidelidade média, da época, de 30%. Números que por si mesmo mostraram o sucesso da nova abordagem do AVA, a despeito dos problemas operacionais inerentes a novas tecnologias no início dos anos 2000, aqui no Brasil, como por exemplo, internet de alta capacidade de trânsito de dados.

“Em alguns casos, a comunicação via computador tem sido mais eficaz que a comunicação presencial no espaço de uma sala de aula. No caso do ensino a distância, as dificuldades dizem mais às tecnologias de acesso que ao relacionamento em si mesmo, uma vez que os diálogos entre as pessoas realizam-se, em geral, sem a pressão dos preconceitos próprios do relacionamento presencial, relacionados a cor, etnia, crenças, situação econômica, sexo, peso e idade das pessoas envolvidas” (Soares, 2012, p. 98).

Ainda mais interessante, foi a inclusão no projeto dos alunos destes professores, a partir de outubro de 2002, nos projetos decorrentes da experiência, como o Tódeolho.TV, destinado a integrar os estudantes da rede pública de São Paulo para discutir a presença da televisão em suas vidas.

Este projeto, liderado pelo professor Ismar, colocou em cheque, já naquela época, preconceitos arraigados sobre o EaD, que ainda hoje permeiam as instituições e a sociedade brasileira em geral. O modelo adotado, com uma plataforma na web, apoiada por encontros presenciais, seguindo à risca os preceitos EaD, massificando, no âmbito da rede estadual dos professores do estado de São Paulo, atingindo cidades em diferentes regiões, provou que o AVA poderia ser um programa efetivo de construção coletiva de conhecimento.

Ainda mais surpreendente foram os desdobramentos que se seguiram, com contínua influência nas escolas, transbordando para sub-programas, agora gerenciados pelos professores, que se tornaram tutores dos programas de Educomunicação dentro das unidades escolares, mostrou o avanço da TDIC superava os receios construtivistas de que a EaD representava um perigo para a educação de qualidade, muito comum naquela década.

Também restou, comprovada na prática, que a Educomunicação era, e hoje ainda mais claramente, “um caminho viável para ser percorrido pelos que desejam rever suas práticas educativas” (Soares, 2012).

Neste preâmbulo, sucinto e resumido, serve-nos de gancho para abrir uma exploração sobre a gestão dos processos de comunicação dentro do ambiente EaD, onde o educador se confunde com a presença do tutor, transformando este em um profissional capacitado para promover o efetivo sistema comunicativo facilitador do processo de construção do conhecimento. Isto porque o sucesso de um projeto de educação à distância depende da clareza sobre o conceito de comunidade virtual. E este ponto focal mostra exatamente onde o tutor deve trabalhar, na comunidade virtual que o cerca e o contém.

A liberdade do fluxo de informação e a garantia de relações mantida pela natureza do recurso da TDIC, proporciona um intercâmbio contínuo entre seus integrantes, definindo a cada um uma personalidade no AVA, delimitando seu entorno, porém não limitando seu crescimento.

3.3. As competências e habilidades do tutor em EaD

Os estudos sobre competências e habilidades de docentes, constante na área da educação, sofreu um desgaste em virtude da multiplicação das pesquisas e textos e uma notável perda do foco principal, deixando de analisar o professor reflexivo, numa interessante comparação com o vocábulo de refletir, reduzindo os saberes docentes a um mero agrupamento de técnicas profissionais.

No caso específico do tutor, os estudos direcionados a este ator do processo de ensino e aprendizagem, identificam uma distorção inicialmente problemática, quando o coloca como coadjuvante sem importância no contexto do EaD, reduzindo a importância de seu papel na atuação dentro do AVA.

Os estudiosos tendem a preferir a expressão saber docente, em contraposição aos vocábulos competências e habilidades, mais ligados às áreas de administração com viés fordista. Alguns ainda burilam estas expressões, falando em saberes experienciais, que se juntam além da formação profissional aos saberes disciplinares.

Para o tutor, tudo isso perpassa por sua capacitação e preparação para interagir no ambiente EaD, de modo a participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem, ainda que não ocorra, constantemente, a interação presencial com os estudantes do curso. Pois, de maneira síncrona ou assíncrona, presencial ou a distância, é ele que irá garantir, ou não, a qualidade comunicacional para o emprego do material proposto pelo curso, além de acompanhar e dirigir, efetuando avaliação da aprendizagem dos estudantes.

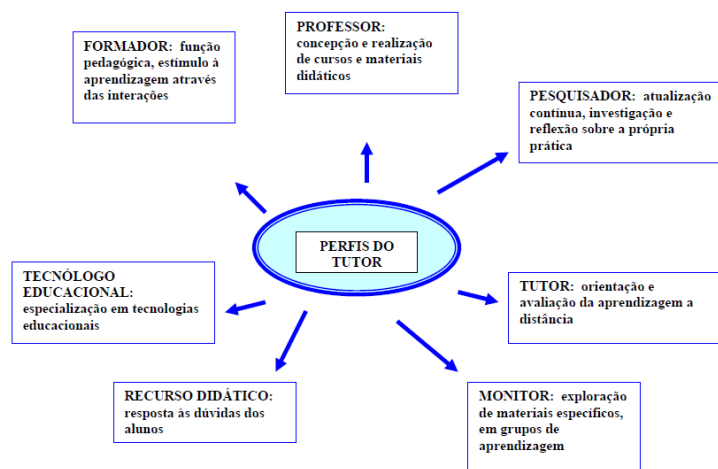


Figura 12

Fonte: VII Congresso Ibero-americano de Informática Educativa

Sendo o tutor um professor antes de tudo, cabe relacionar que as habilidades e competências são mais ligadas aos saberes, núcleo vital do conhecimento docente. O filósofo e sociólogo Maurice Tardiff explicava estes saberes em: formação profissional, disciplinar, curricular e experiencial. Como a formação do professor, e por consequência do tutor, é plural e estratégico, a valorização deste profissional é imprescindível para a performance adequada no contexto do EaD, tanto quanto na escola tradicional presencial. Logo deve-se admitir que o tutor necessita receber o mesmo tratamento em sua preparação e formação profissional, disciplinar, curriculares e experiencial similar, senão igual, do professor, provendo-o com todos os recursos intrínsecos da sua ação dentro do ambiente virtual do EaD.

Os saberes profissionais serão transmitidos pela instituição de formação, de acordo com a ideologia pedagógica, pertencente às Ciências da Educação,

enquanto os saberes disciplinares pertencem às variadas áreas do conhecimento, os saberes curriculares correspondem ao discurso, objetivos, métodos e conteúdo da grade curricular, e por fim os saberes experienciais que são desenvolvidos pelo professor em sua prática diária, exercitando suas funções, que vão sendo incorporadas, de maneira individual e coletiva. A partir destas dimensões, pedagógica, tecnológica e didática, constantes no escopo necessário a preparação do professor do EaD, um parceiro do estudante na construção do conhecimento, atividade intrínseca de pesquisa, estabelecendo um quadro de saberes tutoriais, com exemplos das competências necessárias.

Dimensões	Exemplo de Competência
Pedagógica	Interação dinâmica com material didático e conteúdos
	Estratégias de orientação, acompanhamento e avaliação, somativa e formativa, de aprendizagem, identificando dificuldades e corrigindo-as
	Rapidez, clareza e correção nas respostas e mensagens enviadas
	Regras claras e definidas para o trabalho a ser desenvolvido
Tecnológica	Inovação educacional, com suporte nas TDIC
	Adequação das tecnologias e material didático às diferenças culturais
	Domínio das ferramentas tecnológicas empregadas
Didática	Conhecimento do conteúdo do curso a ser ministrado
	Capacidade realizar intervenções didáticas com frequência, oportunidade e sequencialidade necessárias
	Utilização de estratégias didáticas adequadas às diferenças culturais, dinamizando discussões, propondo tarefas e esclarecendo dúvidas
	Proposição e supervisão de atividades práticas para complementar os conhecimentos teóricos ministrados
Pessoal	Habilidade de interação com estudantes, a distância, individualmente ou coletivamente, para encorajamento, minimizando a evasão
	Capacidade de relacionamento menos hierarquizado com estudantes
	Disposição para estimular autonomia e emancipação do estudante, delegando controle da própria aprendizagem
	Competência para conversação racional e comunicativa, com dialogicidade

Tabela 03

Fonte: VII Congresso Ibero-americano de Informática Educativa

Somando-se ao isso tudo, cabe ressaltar o perfil de orientador do tutor de EaD, tanto na promoção de momentos de interação com o grupo, quanto no desenvolvimento do conteúdo do programa proposto, com acessibilidade interpessoal, para incrementar o AVA com a participação de todos os envolvidos, de maneira flexível e produtiva, provendo meios e possibilidades para construção do conhecimento no ambiente virtual.

Considerações Finais

A despeito da importância da EaD, processo de ensino que pode se converter em um modo “fordista” de educação, sujeitando professores e demais participantes ao controle mais abrangente, formatando conteúdos, implementando uma censura prévia, aumentando as horas de trabalho burocrático, com o claro objetivo de aumentar a lucratividade da operação comercial dos processos educativos oferecidos no mercado.

Por isso a figura do tutor deve ser considerada de grande importância no processo de ensino e aprendizagem realizado a distância, seja de maneira síncrono ou assíncrono, para garantir a qualidade de comunicação adequada no emprego do material proposto, dirigindo e acompanhando, sempre avaliando aprendizagem dos alunos.

A mudança da função do computador como meio educacional, juntamente com o questionamento da função da escola e do papel do professor, aponta para uma nova direção, desta maneira, o professor deve deixar de ser simples repassador de conhecimento, utilizando o computador e as possibilidades do EaD transformando o professor e o modelo de educação, criando o ambiente de aprendizagem facilitando o processo de desenvolvimento intelectual do aluno.

Hoje se trata este tipo de recurso como mídia educacional, utilizando o computador não como máquina de ensinar, mas como ferramenta educacional na complementação e aperfeiçoamento da qualidade do ensino. Utilizando este tipo de processo de ensino, ao invés de memorizar informação, os estudantes são ensinados a buscá-las.

As pesquisas empreendidas por estudiosos do professor tutor identificaram que o tutor da EaD acaba sendo mais exigido que o professor convencional, considerando a exigência de formação profissional, conhecimento tecnológico e sociabilidade diferenciada, por conta do ambiente virtual.

Deste modo, para que o ensino a distância alcance um potencial de vantagem qualitativa, as instituições, sejam privadas ou públicas, devem investir no aperfeiçoamento do tutor, com uma alfabetização digital adequada com a renovação curricular nas áreas de especialização, promovendo geração de conhecimento, de preferência voltado para a pós-graduação, aplicando TDIC em

todos os níveis da educação. E as instituições que ministram EaD deve ter a preocupação de formar o tutor através de cursos específicos de capacitação, averiguar seu desempenho, além de realizar práticas de tutorias para ampliar os temas de ensino e aprendizagem.

No ambiente *on line* o educador necessita assumir uma postura de mediador do processo de ensino e aprendizagem, provendo espaço para o diálogo e a interatividade, não se posicionando como observador ou juiz, mas estimulando novos caminhos de pensamento e para construção do conhecimento. Sempre se amparando numa perspectiva dialógica, para enfrentamento das dificuldades e limitações, especialmente tecnológicas, de caráter pessoal dos estudantes ou operacional das instituições.

A educação a distância, utilizando tecnologias digitais provoca a educação formal, transforma a velocidade de produção e mudança de conhecimento, questionando as estruturas curriculares rigidamente estabelecidas durante os milênios de existência do ensino. A necessidade de conhecimento nesta era da informação, coloca o EaD no centro de um turbilhão de discussões, arrastando o tutor nestes eventos, produzindo não somente o questionamento do papel do professor do ambiente *on line*, como também quais suas competências e habilidades, chamadas de saberes, que necessitam para melhorar continuamente a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, no AVA.

REFERÊNCIAS

ALVES, L.; NOVA, C **Educação à Distância: Uma Nova Concepção de Aprendizagem e Interatividade**. São Paulo, Futura, 2003.

ALMEIDA, M. E. B. D. **Educação à distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem**. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2003.

BELISÁRIO, A. **Educação on-line**. São Paulo: Edições Loyola, 4ª ed. 2012.

Censo da educação superior 2013: resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015.

Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998: Regulamenta o Art. 80 da LDB da Lei n.º 9.394/96.

Decreto n.º 2.561, de 27 de abril de 1998: Altera a redação dos artigos 11 e 12 do Decreto n.º 2.494.

Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005: Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Decreto 6.303, de dezembro de 2007: Altera dispositivos dos Decretos n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Decreto 9.057, de 25 de maio de 2017: Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

FERRO, M. R. C.; **Modelo de Sistema de Recomendação de Materiais Didáticos para Ambientes Virtuais de Aprendizagem**, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo, Atlas, 2002.

KRATOCHWILL, S; SILVA, M *Avaliação da Aprendizagem On-Line: Contribuições específicas da interface fórum*. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, V.8, n.24, p.445-458, 2008.

Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971: Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MACHADO, L.; MACHADO, E. C. *O papel da tutoria em ambientes EaD*. **11º Congresso Internacional de Educação a Distância** - Abed, Salvador, 2004.

MASSI, L.; SANTOS, M. G. *Formação e Atuação do Tutor como Orientador de Trabalhos de Conclusão de Curso na EaD*. **SIED - Simpósio Internacional de Educação à Distância. EnPED - Encontro de Pesquisadores em Educação à Distância**, São Carlos, 2014.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

OLIVEIRA, E. S. G.; DIAS, A. C. S.; FERREIRA, A. C. Da R. *A importância da ação tutorial na Educação à Distância*. **VII Congresso Ibero-americano de Informática Educativa**, Mar Del Plata, 2007.

Portaria 301, de 07 de abril de 1998: Normatizar os procedimentos de credenciamento de instituições para a oferta de cursos de graduação e educação profissional tecnológica a distância.

SOARES, I. O. **Educação *on-line***. São Paulo: Edições Loyola, 4ª ed. 2012.

VALENTE, J. A. **Educação *on-line***. São Paulo: Edições Loyola, 4ª ed. 2012.

VALENTE, J. A., **O professor no ambiente Logo: formação e atuação**. Campinas: Gráfica da UNICAMP.